



A quatro horas
do transplante,
só faltava
uma coisa...

Um
CORACÃO
para
Laura

POR ROBERT KIENER



É pouco depois da meia-noite no centro de Londres. Num pequeno apartamento, do outro lado da rua do Hospital Great Ormond Street, Andrew e Julia Whitworth dormem mal. O luar de verão penetra o quarto por entre as cortinas de renda. De repente, Julia é acordada pelo celular.

- É Julia Whitworth?

- Sim, sou eu.

- Temos um coração. - A mão de Julia aperta o telefone cada vez mais forte, ao ouvir a voz da coordenadora de transplantes do hospital. - Temos um coração para Laura.

Esquentada. Guerreira. Desde o instante em que nasceu, Laura Whitworth era impossível. Se tirassem sua mamadeira antes da hora, ela soltava gritos de indignação. Quando ficava sozinha, chorava até que a pegassem no colo. Em seu primeiro aniversário, já estava claro para Andy e Julia Whitworth que a bela filha de olhos verdes era, como Andy costumava dizer, “uma pimentinha”.

Mas o casal ficou surpreso quando, aos 14 meses de vida, ela não conseguiu se livrar de uma infecção que a fazia tossir e respirar com dificuldade durante a noite. No começo, o médico disse que era um resfriado. Mas a tosse piorou. Andy e Julia se revezavam para passar a noite com Laura, quando os acessos de tosse castigavam seu corpinho. Outro médico diagnosticou gastroenterite. Mas Andy, construtor de Yorkshire, Inglaterra, estava certo de que se tratava de algo mais grave. Por fim, os médicos pediram um exame de raios X do tórax da menina.

“Laura tem um problema no coração”, disse o cardiologista. Andy apertava com tanta força a mão de Julia que ela se retraiu quando o médico acrescentou: “Miocardiopatia dilatada.” A doença fazia com que o coração aumentasse de tamanho e, com frequência, era irreversível. O coração de Laura poderia ficar cada vez mais fraco.

No início do ano passado, quando tinha 2 anos e meio, Laura já respirava 60 vezes por minuto. Com o coração incapaz de bombear sangue corretamente, os pulmões se enchiam de líquido, deixando-a ofegante. “Ela pa-

rece uma pequena máquina a vapor”, disse Andy a Julia uma noite, ao levá-la para o andar superior da casa. A menina estava tão fraca que não conseguia andar. Pesava apenas dez quilos. A “pequena guerreira” estava perdendo a luta pela vida.

Em abril, os médicos colocaram o nome de Laura na lista de espera por transplantes de coração. Mas será que a menina sobreviveria até que houvesse um coração disponível? Enquanto ainda era tempo, Andy e Julia decidiram levar Laura e sua irmã caçula, Lucy, a Blackpool, onde tinham adorado andar a cavalo. Mas Laura estava tão fraca que mal conseguiu sair do carrinho. No caminho de volta, Julia perguntou: “E se ela nos deixar?” Com os olhos se enchendo de lágrimas, Andy não conseguiu responder.

O telefonema naquela madrugada também acordara Andy. “É um coração?”, pergunta à mulher.

Ela faz que sim. “Meu Deus!”, ele exclama, abraçando Julia. Há três semanas, o casal habita o minúsculo apartamento que pertence ao hospital, aguardando a notícia de uma doação. Do outro lado da rua, Laura está ligada a um coração mecânico, chamado Berlin Heart, aparelho externo que ajuda seu coração doente a bombear sangue pelo corpo.

A unidade de tratamento intensivo é dominada pelo persistente ruído da bomba cardíaca computadorizada movida a ar, conectada ao peito de Laura por tubos plásticos transparentes. A

bomba salvou a vida da menina: deu-lhe tempo para esperar o coração doado. Ela vem se alimentando e ganhando peso. O rosto já está novamente corado. E o melhor de tudo: voltou a ser a menina esquentada de sempre, pronta para discutir com a enfermeira ou com os pais quando não consegue o que quer.

Andy e Laura olham a filha, e desejam muito pegá-la no colo. Segurando

perfeito.” Em poucos minutos, o coração é posto num saco plástico com solução asséptica, dentro de uma espécie de caixa térmica cheia de gelo, para o vôo até Londres. Ainda assim, o órgão precisará ser transplantado em até cinco horas, para que esteja em boas condições. O tempo começou a correr.

Julia acomoda debaixo da filha a sua mantinha azul, enfeitada com corações brancos. *Quero que seja a pri-*

O coração doado deve ser transplantado em cinco horas.

as lágrimas, Julia se inclina sobre a cama e diz: “Laurie, hoje você vai ganhar um coração novo.”

No consultório, a coordenadora de transplantes Lorraine Priestley-Barham telefona para médicos, técnicos e enfermeiros que estão de sobreaviso. O tempo é crucial. O coração doado começa a se deteriorar no instante em que é removido do corpo. Para ganhar tempo, os cirurgiões terão de retirar o coração de Laura antes da chegada do novo órgão. Lorraine pede à equipe de transporte que se apronte para pegar o coração e traga-o de avião a Londres.

O telefone de Lorraine começa a tocar pouco depois das cinco e meia da manhã. Um cirurgião do hospital de onde vem o coração diz à médica: “O clampe já está no lugar e o órgão parece

meira coisa que ela veja ao sair da cirurgia, pensa.

Laura chora quando um médico lhe enfia uma agulha para tirar sangue. “Não se preocupe, querida”, diz Julia, com um sorriso nervoso. “A mamãe vai bater no doutor se ele fizer isso de novo.” O telefone de Lorraine toca avisando que o coração está no avião e deve chegar ao Aeroporto Stansted, em Londres, em 20 minutos. Lorraine risca mais um item de sua lista.

Em frente a um pequeno escritório, ao lado da pista de pouso do aeroporto, Simon Moore, motorista da M&L Ambulance Service, espera no carro especializado. A central telefona para seu celular. “O avião está chegando.”

Quinze minutos depois, um bimotor pousa e pára a menos de 30 metros



Simon Moore,
motorista da
ambulância, temeu
não conseguir
entregar o coração
a tempo no hospital.

de onde Moore aguarda. A escada é baixada, e um tripulante desce trazendo uma caixa térmica azul e branca. Moore a coloca no porta-malas do carro, amarrando-a bem. Observa o número da etiqueta plástica de segurança que fecha a caixa e telefona para a central. “Peguei. Estou a caminho.” Liga a sirene e segue para o centro de Londres.

Dentro da caixa térmica, sem sangue, as frágeis células do coração já começam a morrer. Se um grande número de células não sobreviver à viagem, o órgão não resistirá no peito de Laura.

Pouco antes das sete, a cirurgiã holandesa Carin van Doorn torna a explicar a Julia e Andy como será o

procedimento. Como Laura tinha o Berlin Heart ligado ao coração, o procedimento será ainda mais complexo do que o transplante cardíaco tradicional. Após abrir o peito da menina, Carin a conectará a uma máquina coração-pulmão. “Depois, removeremos o Berlin Heart e o coração de Laura, e em seguida transplantaremos o órgão doado.”

Andy e Julia ajudam a conduzir Laura pelo corredor, até o elevador que os levará à sala de anestesia. Antes de o anestesista colocar a máscara de gás com cheiro de morango sobre a boca e o nariz de Laura, Julia se debruça sobre a filha e sussurra: “A

“Você pode me levar à delegacia mais próxima? Tenho um coração aqui.”

mamãe e o papai vão estar aqui, esperando por você.” Ao sair da sala, Julia chora. Andy a abraça.

A maioria dos carros, alertada pela sirene, sai do caminho de Simon Moore. Ele agora está a mais ou menos 20 minutos do hospital. Então, ao avançar pela Estrada Forrest, em Walthamstow, um automóvel surge de uma transversal bem na frente dele.

“Não!”, grita Moore ao desviar o carro para a direita.

Ele escuta dois estrondos quando o veículo bate no anteparo central, de uns 15 cm de altura. Moore sai do carro e avalia os estragos. Os dois pneus direitos arrebentaram. O veículo está inutilizável.

Sob a observação da equipe, Carin van Doorn, vestida com o jaleco azul, liga a serra elétrica especial e abre o pequeno esterno de Laura; então usa retratores para manter aberta a caixa torácica e expor o interior do peito da menina.

Depois de conectar Laura à máquina coração-pulmão, Carin examina o coração da paciente. O órgão parece doente, observa a cirurgiã: as paredes

estão finas. Ela começa a desconectá-lo dos fios do Berlin Heart.

Usando o colete de emergência com listras amarelas, Simon Moore avança para a estrada e acena para a motorista do carro que se aproxima, um Volvo 1993 branco, de quatro portas. Margaret Rollinson, funcionária do governo a caminho do trabalho, pensa: *Batida policial! Logo eu?... Deve ser porque meu carro é velho.* Ela pisa no freio e encosta o veículo.

Moore se inclina sobre a janela da motorista. “A senhora me faria um favor? Eu sofri um acidente. Pode me levar à delegacia mais próxima?” Ele tenta parecer profissional e confiável, mas sente os nervos à flor da pele. *Diga que sim*, pensa ao olhar para a mulher.

Margaret fica em dúvida, mas acaba concordando. Por precaução, diz: “Deixe-me ligar para o trabalho e avisar que vou chegar atrasada.” Enquanto ela telefona, Moore pega a caixa térmica e a coloca no banco traseiro. Ao entrar no carro, avisa: “Não quero assustá-la, mas tem um coração aí dentro. Precisamos chegar rápido à delegacia.”

Com a máquina coração-pulmão respirando por Laura e bombeando seu sangue, Carin van Doorn oblitera o co-

ração da menina. “Vamos paralisá-lo agora”, avisa ao cirurgião-assistente, que injeta uma substância química no órgão, para que Carin possa agir. O coração pára. Devagar, a médica secciona os principais vasos sanguíneos e deixa uma parte do átrio esquerdo. O órgão doado será transplantado ali.

Em Walthamstow, Margaret Rollinson espera uma brecha no trânsito intenso para voltar à estrada. Simon Moore sente gotas de suor lhe brotarem na testa. Quais são as chances de chegarem a tempo ao Hospital Great Ormond Street, num carro sem sirene?

O sinal adiante fica vermelho.

Na sala de operação, Carin faz uma pausa enquanto o assistente aspira o sangue da cavidade torácica de Laura. “Perfeito”, diz. Termina de liberar o coração, pega-o com o fórceps, retirando do peito da paciente e o deposita numa bandeja de aço inoxidável. É um momento crítico. Como explicara a Andy e Julia, agora não há mais volta.

A equipe médica nem imagina que o carro que transportava o órgão doado se envolvera num acidente.

Embora o sinal de trânsito esteja ficando vermelho, Margaret Rollinson vê uma brecha. Agora! Olha para os dois lados e decide arriscar. Prendendo a respiração, acelerara o carro. Logo avista a delegacia e diz a Moore: “Estamos chegando!”

Quando Margaret estaciona em frente à Delegacia de Walthamstow, Moore salta do carro com a caixa térmica, sobe correndo a escada e diz à

recepcionista: “Tenho um coração aqui e preciso de uma viatura que me leve ao Hospital Great Ormond Street. Agora! Por favor!” Três minutos depois, ouve uma sirene avançando pela rua em sua direção. Quando Simon é levado, Margaret pára o carro num acostamento próximo à delegacia. Espera acalmar-se e telefona para o marido, Colin. “Você não vai acreditar no que acaba de me acontecer.”

Com as luzes piscando e a sirene ligada, Moore, o sargento Dean Reid e o inspetor Pipper Mills avançam pelas ruas. Reid, motorista especializado e policial veterano com 12 anos de serviço, costura por entre os carros enquanto Moore lê as coordenadas do GPS: “Dobre à direita no próximo sinal. Depois siga em frente por três quadras.” Com o braço esquerdo segurando a caixa térmica no banco traseiro, Moore telefona para a central: “Estamos a cinco minutos do Great Ormond Street.”

No apartamento de frente para o hospital, Andy Whitworth ouve uma sirene, corre até a janela e vê um carro da polícia surgir na rua. “Deve ser o coração da Laura!”, diz a Julia. A coordenadora de transplantes aguarda na entrada do hospital e conduz Moore e Reid ao elevador do primeiro andar. “Abra!”, grita Simon, quando a porta do elevador se recusa a abrir. “Vamos!”

Eles então desistem do elevador e sobem correndo a escada com a caixa térmica. Ao entregá-la na sala de operação, Moore quase cai, de tão exausto. Só dali a algumas horas saberá se sua corrida teve êxito.

Na sala de cirurgia, Carin van Doorn suspende o coração no saco plástico. Examina-o e envolve-o com algodão para mantê-lo frio. Então começa a aparar o órgão a fim de acomodá-lo no peito de Laura, aprontando-o para suturá-lo aos principais vasos sanguíneos da menina.

Sem conseguir relaxar no apartamento, Andy e Julia voltam ao hospital, tomam um café e tentam ver TV na sala de espera. Uma hora se passa, arrastada. Eles compram para Laura um balão de gás na lojinha do hospital. Nervosa, Julia folheia uma revista.

Carin e sua equipe agora suturam o órgão. Em seguida, removerão os clampes e deixarão o novo coração de Laura se encher de sangue. Se ele não tiver ficado fora por tempo demais, deverá voltar à vida por conta própria.

Observando o procedimento com uma lupa, Carin retira da aorta o clampe de aço inoxidável. O fluxo sanguíneo entra no novo coração de Laura, e a equipe aguarda, ansiosa. Nada acontece. Como último recurso, o pequeno órgão talvez necessite ser trazido à vida com o choque de um desfibrilador.

Mas então, quase imperceptivelmente, o coração começa a bater. Há horas sem sangue, as células se revi-

goram com o novo fluxo. “Pop, pop, pop”, o monitor cardíaco ecoa a cada batimento. Carin retira os clampes dos outros vasos, e mais sangue irriga o órgão. O coração de Laura passa a bater cada vez mais forte, exatamente como baterá 100 mil vezes por dia, para o restante de sua vida.

Dois dias após a cirurgia, Andy e Julia visitam Laura e começam a brincar com a filha.

– Laura, onde está o Berlin Heart que você estava usando?

Ela olhou nos olhos da mãe e respondeu:

– Foi embora. Não preciso mais dele!

– Por que não?

– Porque tenho um coração novo, que é muito melhor!

Os pais hoje dizem que Laura é “o retrato da boa saúde”. A menina ganhou peso e sequer teve complicações pós-operatórias. A família conheceu várias pessoas que possibilitaram a chegada do órgão a tempo ao Hospital Great Ormond Street, e lhes agradeceu muito. Andy e Julia também enviaram uma carta emocionada de agradecimento à família que, tão generosamente, doou o novo coração para Laura.

DEFINIÇÕES DE SALÁRIO

Salário cafajuste: não te ajuda em nada, não paga nada, mas você não vive sem ele.

Salário papel-cebola: você pega, olha e chora.

Salário regime: com ele, você come menos.

Wesley Santos, Mucajaí (RR)